

Ritmo Possível

O crescimento mais lento da economia este ano, quando o desempenho do PIB no primeiro semestre apresentou aumento de apenas 0,02%, depois de ter crescido 7,95% nos primeiros 12 meses do Plano Real, está servindo para ampliar as pressões para a volta do crescimento acelerado da economia.

Crescer é bom, porque permite melhorar a renda e as condições sociais, mas o único crescimento saudável é o auto-sustentado e sem inflação. A comparação com o que houve nesta década e na passada, quando a crise da dívida externa em agosto de 82 impediu o financiamento dos déficits públicos e estrangulou a economia, mostra que, considerando o aumento populacional de 1,5% ao ano, contra 2,3% nos anos 80, os resultados são satisfatórios e estão dentro do possível.

A década de 80 foi inaugurada pela proposta de crescimento acelerado do ministro Delfim Netto, que havia derrotado um ano antes, a tese de seu antecessor, Mário Henrique Simonsen, defensor do crescimento moderado para que o país fizesse o ajuste fiscal e diminuisse o endividamento interno e externo.

Assumindo Delfim, o PIB *per capita* cresceu 4,3% em 79 e 6,8% em 80. Mas o país mergulhou em forte descontrole das finanças públicas, marcando definitivamente os anos 80 como a década perdida. A economia voltou a crescer em 85 e 86, com o impulso do Plano Cruzado, entrando em profundo desaquecimento desde então.

Faltava acesso ao crédito internacional, devido à pendência com os credores. Conse-

quentemente, o Estado precisava avançar sobre a poupança privada para se financiar, limitando o vôo do setor privado, e as importações eram vigiadas por controles administrativos.

O cenário começou a mudar nos anos 90, com a abertura comercial, a decisão de privatizar empresas sob controle do Estado, e o acordo da dívida externa, que reabriu em 92 as linhas de crédito ao Brasil. No Plano Real, o ganho *per capita* foi de 5,4%.

O Brasil precisa acostumar-se à idéia de que voltar a crescer à base de 7% ao ano (média entre o pós-guerra e o final dos anos 70) é hoje praticamente impossível e dispensável. A taxa de crescimento populacional é hoje metade da média dos anos 70 (2,7%) e os países do Primeiro Mundo não crescem mais de 4% ao ano. O modelo de desenvolvimento, liderado pelas encomendas do Estado, suas reservas de mercado e subsídios generosos, faliu fragorosamente como mostra o crescimento zero *per capita* de 80 a 92.

Só quando o Brasil mudar o modelo de crescimento e abrir definitivamente a economia à iniciativa privada será possível retomar altas taxas de crescimento sem risco de recaída na inflação. Um exemplo do que poderá ser o futuro foi antecipado pela área de comunicações, que cresceu 43,7% no Plano Real. Mas, para isso, será preciso completar as reformas do Estado e prosseguir a privatização, para aliviar a iniciativa privada do alto peso dos impostos. Enquanto as reformas não garantirem o ajuste fiscal duradouro, a proposta de crescimento a qualquer preço terá fôlego curto.